

# **Representações da Senectude na Poesia Grega Arcaica**

## **(Senectude Representations in Archaic Greek Poetry)**

Glória Braga Onelley  
Universidad de Río de Janeiro  
gloriaonelley@terra.com.br

Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha  
Universidad de Río de Janeiro  
shirleypecanha@yahoo.com.br

Recibido: 30 / 05 / 2011  
Arbitrado: 30 / 6 / 2011  
Aceptado 08 / 7 / 2011

### **Resumo**

O homem, por sua própria natureza, está submetido ao efêmero. De fato, a fugacidade da juventude e, em consequência, a aproximação da velhice são preocupações do ser humano de todos os tempos. A tônica da senectude apresenta-se, desde a *Ilíada* e, ainda, na maior parte dos fragmentos dos poetas da Grécia Arcaica, como um mal irremediável semelhante à doença e à morte, ideia que encontra nota proeminente nos versos de Mimnermo de Cólofon. Essa concepção pessimista da velhice não é, entretanto, a única expressa na poesia arcaica, a julgar pelo reconhecimento e respeito atribuídos aos anciãos homéricos Nestor, Príamo e Laertes e, ainda, pela permanente perspectiva de usufruir da sabedoria e do progresso intelectual na velhice, como expressou Sólon: “Envelheço aprendendo sempre muitas coisas” (F 18 W). Propõe-se, no presente trabalho, examinar a natureza e a representação da velhice na poesia grega arcaica, nomeadamente nos fragmentos 1 a 6 Adrados do elegíaco Mimnermo, considerando-se as judiciosas observações de van Groningen a respeito da estrutura e do estilo dos versos do poeta de Cólofon.

**Palavras-chave:** velhice; poesia grega arcaica; elegia; Mimnermo.

## **Abstract**

Man, by its own nature, is subject to the ephemeral. In fact, fleeting youth and approaching old age have been human being's concerns through all time. Senectude's stress presents itself since the *Iliad* and also in most parts of Archaic Greek poets' fragments, as an irrecoverable evil similar to death and disease, an idea that is most prominently stressed on Mimnermos of Colofon's verses. This pessimistic conception of old age is not, however, the only one indicated in archaic poetry judging by acceptance and respect headed to Homeric elders Nestor, Priam and Laertes and yet, by the permanent perspective of enjoying wisdom and intellectual progress of old age as said Solon: "I grow old ever learning many things" (West 18 fragment). The aim of this study is to examine old age's nature and representation in archaic greek poetry, mostly in fragments 1 to 6 Adrados from elegiac Mimnermos of Colofon, considering van Groningen's judicious observations about the Colofon's poet verses structure and style.

**Key words:** old age; Archaic Greek poetry; elegy; Mimnermos

Isentos da implacável ação do tempo avassalador, os deuses, ainda que tenham sua existência marcada por um início, jamais perecem, como a mísera geração humana. Com efeito, o homem, por sua própria natureza, está submetido ao efêmero. A fugacidade da juventude e, em consequência, a aproximação da velhice induziram vozes poéticas várias a expressar, de forma antitética, este estágio da vida: ou vencer as fronteiras inacessíveis do tempo, aceitando-o, ou repudiá-lo, considerando-o o termo de uma existência miserável e fugaz. Este caráter transitório da existência humana é notório na poesia homérica no diálogo entre Diomedes e Glauco, no passo em que este último, ao ser questionado sobre sua linhagem pelo Tidida Diomedes, acentua, por meio do célebre símile das folhas das

árvores, a brevidade da vida humana, que perpassa nos versos de poetas da Grécia Arcaica<sup>[1]</sup>:

Τυδείδη μεγάθυμε τί ἦ γενεὴν ἐρεεῖνεις;  
οἷη περ φύλλων γενεὴ τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.  
φύλλα τὰ μὲν τ' ἄνεμος χαμάδις χέει, ἄλλα  
δὲ θ' ὕλη τηλεθώσα φύει, ἔαρος δ'  
ἐπιγίγνεται ὥρη· ὡς ἀνδρῶν γενεὴ ἦ μὲν φύει  
ἦ δ' ἀπολήγει.

Tidida magnânimo, por que perguntas sobre minha linhagem?

Tal a linhagem das folhas tal a linhagem dos homens.

Enquanto o vento espalha as folhas pela terra, outras a floresta produtiva faz nascer, quando sobrevém a estação da primavera; assim é a linhagem dos homens: uma nasce, e a outra perece...

(Homero, *Ilíada*, VI, vv. 145-9)

A despeito de o homem integrar a natureza e, por conseguinte, estar submetido às suas leis, sua existência está destinada a um ciclo finito, contrariamente ao que está implícito no símile das folhas das árvores, já que o ser humano, como ocorre com os vegetais (*Il.* VI, v. 147), não se renova, retornando à juventude. Assim, para seres que não se podem furtar nem da senilidade nem da morte, como são os homens, “a glória imperecível”, *kléos áphthiton*, alcançada com a morte no campo de batalha, e que sobreviverá na memória dos vindouros, é a única condição de superar a transitoriedade da vida humana.

Deste modo, ao fim de sua existência miserável, o homem, caso a morte prematura não o tenha atingido, é dominado pela inexorabilidade do tempo, como declara Agamêmnon ao velho Nestor,

---

1 As traduções do grego para o vernáculo são de responsabilidade das autoras do presente artigo. Para tradução e referência de todos os fragmentos com a indicação W e dos versos do *Corpus Theognideum/Theognidea* utilizou-se a edição de Martin West, *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*. analogamente, a abreviatura Adr. remete à edição de Francisco Rodrigues Adrados, *Líricos griegos – elegiacos y yambógrafos arcaicos (siglos VII-V a.C.)*. O referido símile homérico encontra-se no fragmento 2 Adr. (=2 West [2 W]) de Mimnermo de Cólofon e, ainda, em Simônides de Amorgos, que reproduziu a mesma temática no fragmento 8 W (=29 Diehl), atribuído a Simônides de Ceos por M. L. West (*apud* Rocha Pereira, 2006, p. 203, nota 380). Para análise do fragmento 2 Adr. do poeta de Cólofon, cf. p. 16 e *seqq.* Quanto ao fragmento 8 W, cf. p. 16-7, nota 12.

ao lamentar-lhe os danos físicos da velhice: *allá se géras teírei homoiíon*, “mas a velhice, que não poupa ninguém, te oprime”( *Il. IV*, v. 315)<sup>[2]</sup>.

Já nos primórdios da literatura grega, então, Homero evocara *oloói epì géraos oudôi*, “no limiar doloroso da velhice”, na passagem em que Príamo, humilhando-se diante de Aquiles, para resgatar o cadáver de seu filho Heitor, apresenta uma perspectiva pessimista da velhice, já que assinala o tratamento hostil e degradante dispensado ao *géron*, “velho, ancião”, como confirmam os seguintes versos:

μῆσαι πατρὸς σοῖο θεοῖς ἐπιείκελ' Ἀχιλλεῦ,  
τηλίκου ὡς περ ἐγών, ὀλοῶι ἐπὶ γήραος  
οὐδῶι·  
καὶ μὲν που κεῖνον περιναίεται ἀμφὶς ἔόντες  
τείρουσ', οὐδέ τις ἔστιν ἀρῆν καὶ λοιγὸν  
ἀμῦναι.

Pensa no teu pai, ó Aquiles semelhante aos deuses!

Ele que tem a minha idade, no limiar doloroso da velhice.

Certamente, os que vivem à sua volta o tratam mal, e não há ninguém que afaste dele o vexame e a humilhação.

(*Il. XXIV*, vv. 486-9)

Com efeito, o pessimismo, presente nos citados versos da *Ilíada* em relação à velhice, é incisivo e notório, a julgar pelo qualificativo que lhe é atribuído *oloón*, “dolorosa”. Aliás, a observação minuciosa do campo semântico dos adjetivos que qualificam a velhice aponta para um repertório negativo, expresso por *khalepón*, “penosa, difícil” (*Il. VIII*, v. 103; *XXIII*, v. 623), *lygrón*, “triste, funesta” (*Il. X*, v. 79; *XVIII*, v. 434), e *stygerón*, “detestável” (*Il. XIX*, v. 336).

---

2 Segundo Chantraine *Dictionnaire étymologique de la langue Grecque*,. Paris: Klincksieck, 1984. p. 799), o sentido do adjetivo homérico *homoiíos* é aplicado, sobretudo ao termo *pólemos*, “guerra” (*Il. IX*, v. 440; *XII*, v. 358 etc.), com a acepção de “igual para todos”, “que não poupa ninguém”. O epíteto emprega-se também para os substantivos *neîkos*, “combate”, *thánatos*, “morte”, e *géras*, “velhice”. Entretanto, afirma o filólogo, a palavra pode ter o sentido de *kakós*, “ruim, miserável”, como propõem alguns comparatistas.

Embora os exemplos apresentados atestem a natureza sombria da senilidade, passagens outras dos Poemas Homéricos representam-na de maneira positiva. Exemplo significativo, entre outros, encontra-se no canto III, nos versos 149-53 da *Ilíada*, em que os efeitos físicos da velhice são compensados pela valorização da sabedoria, da eloquência e da autoridade outorgada pela experiência de uma vida modelar:

γήραϊ δὴ πολέμοιο πεπαυμένοι, ἀλλ’  
ἀγορητὰ ἔσθλοί, τεττίγεσσι ἐοικότες οἷ τε  
καθ’ ὕλην δενδρέωι ἐφεζόμενοι ὄπα  
λειριόεσσαν ἰεῖσι· τοῖσι ἄρα Τρώων ἡγήτορες  
ἦντ’ ἐπὶ πύργωι. οἱ δ’ ὥς οὖν εἶδονθ’ Ἑλένην  
ἐπὶ πύργον ἰοῦσαν,

Sentavam-se como anciãos, junto às Portas Ceias, afastados da guerra, por causa da velhice; porém, como oradores, eram hábeis, semelhantes a cigarras, que, no bosque, pousadas numa árvore, lançam suas vozes suaves como lírios, assim como os chefes dos Troianos sentavam-se na muralha.

Note-se, nos versos mencionados, a beleza do símile do canto das cigarras que evoca o aspecto mais relevante da autoridade dos anciãos Troianos: a influência da palavra. Portanto, o poder desses homens não mais se concretizava no vigor físico, mas na eficácia de seus argumentos.

Quanto à *Odisseia*, embora a velhice também se apresente de forma negativa, como atesta a figura miserável e infeliz de Laertes, oprimido pela velhice - caracterizada também pelos adjetivos *khalepón* (XI, v. 196)<sup>[3]</sup> e *lygrón* (XXIV, vv. 249-50)<sup>[4]</sup>-, é a senectude reverenciada e respeitada, tendo em vista ser o ancião objeto de uma consideração singular, proveniente do respeito assegurado por sua idade avançada e, sobretudo, por seus sábios conselhos e admoestações, oriundos de sua experiência de vida. A figura do herói Equeneu, o mais velho dos conselheiros da corte do rei mítico Alcínoo e também o mais persuasivo, ratifica o valor da senectude, tendo em

---

3 *Khalepòn d’ epì gêras hikánei*, “chega a penosa velhice,”

4 *all’ háma gêras/lygròn ékheis*, “mas ao mesmo tempo a triste velhice te domina”

vista ser ele o primeiro a solicitar ao rei que se manifeste quanto ao veemente pedido de hospitalidade feito por Odisseu à rainha Arete:

παρ πυρί· οἱ δ' ἄρα πάντες ἀκὴν ἐγένοντο  
σιωπῆι. ὄψε δὲ δὴ μετέειπε γέρων ἥρως  
Ἐχένηος, ὃς δὴ Φαιήκων ἀνδρῶν  
προγενέστερος ἦεν καὶ μύθοισι κέκαστο,  
παλαιά τε πολλά τε εἰδώς·

E todos eles ficaram em silêncio. Finalmente falou o velho herói Equeneu, que era o mais velho dos homens feácios, era hábil nas palavras, pois muitas e antigas coisas sabia.

(*Od.* VII, vv. 154-7)

Merece destaque, portanto, a distinção conferida ao tema da velhice nos Poemas Homéricos, como já observara Schadewaldt (*apud* Rocha Pereira, 1961, p. 94): na *Ilíada*, o ideal da bela morte no campo de batalha afastava do herói a possibilidade de atingir a longevidade; na *Odisseia*, por outro lado, afigura-se a perspectiva de uma velhice feliz, que se enuncia na predição de Tirésias acerca da morte de Odisseu, atingida somente na idade avançada, como atestam os versos 134-7 do canto XI, repetidos - exceto no final dos versos 137 e 284 - em 281- 4 do canto XXIII, na cena em que o herói, em seu diálogo com Penélope, ratifica as previsões do adivinho, destacando o desfrutar de uma ancianidade afortunada. Convém destacar, em ambas as passagens, o qualificativo aplicado à *gêras*, qual seja, *liparón*, “abundante, opulenta, provida de recursos”, que traduz o ideal de uma velhice próspera, vivenciada num ambiente de tranquilidade e bem-aventurança. A título de exemplo, citam-se os seguintes versos da *Odisseia*:

(...) θάνατος δέ μοι ἐξ ἀλὸς αὐτῶι ἀβληχρὸς  
μᾶλα τοῖος ἐλεύσεται, ὅς κέ με πέφνηι γήραϊ  
ὑπο λιπαρῶι ἀρημένον· ἀμφὶ δὲ λαοὶ ὄλβιοι  
ἔσσονται· τὰ δέ μοι φάτο πάντα τελεῖσθαι.

“(...) e do mar para mim mesmo a morte suave sobrevirá, ela que me interromperá a vida, vencido eu pela opulenta velhice; e, à minha volta, haverá homens felizes. Foi-me dito que tudo isso se cumprirá”.

(*Od.*, XXIII, vv. 281-4)

Também em Hesíodo, poeta que viveu talvez no último quartel do século VIII a.C., os termos relativos à velhice harmonizam-se, quase que textualmente, com a fórmula homérica já citada *oloôi epì géraos oudôi*, “no limiar doloroso da velhice” (*Il.* XXIV, v. 487), como se observa em *Teogonia*, v. 604, *oloôn ... gêras*, “dolorosa ... velhice”, e, ainda, em *Trabalhos e Dias*, na parte do poema referente a normas de conduta social e de ordem familiar a serem seguidas. Neste passo do poema hesiódico, o sintagma *kakôi epì géraos oudôi* (v. 331), “no limiar maldito da velhice”, distingue-se da fórmula homérica apenas no emprego do qualificativo *kakôi*, “maldita”, em lugar de *oloón*. Deste modo, ainda que a velhice tenha sido caracterizada como *kakôi*, a referência à aplicação da justiça de Zeus contra o filho que maltrata o pai ancião acentua, nos versos subsequentes (vv. 330-4), o respeito por essa fase da vida:

ὄς τέ τευ ἀφραδίης ἀλιταίνητ' ὄρφανὰ  
τέκνα, ὄς τε γονῆα γέροντα κακῶι ἐπὶ  
γήραος οὐδῶι νεικείηι χαλεποῖσι  
καθαπτόμενος ἐπέεσσι· τῶι δ' ἦ τοι Ζεὺς  
αὐτὸς ἀγαίεται, ἐς δὲ τελευτῆν ἔργων ἀντ'  
ἀδίκων χαλεπὴν ἐπέθηκεν ἀμοιβήν.

aquele que comete insensatamente falta contra os filhos órfãos, aquele que insulta o velho no limiar da velhice, agredindo-o com duras palavras, contra este, sem dúvida, o próprio Zeus irrita-se, e, ao final, impõe-lhe um penoso castigo diante de suas ações injustas.

Ainda na citada obra hesiódica, narra-se, por meio da gradativa desvalorização dos metais, a decadência sucessiva da humanidade, no célebre mito das Cinco Idades ou Raças (vv. 109-201), no qual se descreve a inexperiência dos homens da Raça de Ouro, que não sofrem a onipotência do tempo, *oudé ti deilòn /gêras*, “não os atingia

a terrível velhice” (vv. 113-4). Em contrapartida, os homens da Raça de Ferro, não bastasse o fardo da mortalidade, sucumbem à velhice, nascendo com as tēmporas esbranquiçadas. Entre outras faltas, os homens dessa raça desonram e maltratam seus progenitores, deixando-os, até mesmo, sem alimento:

Ζεὺς δ' ὀλέσει καὶ τοῦτο γένος μερόπων  
ἀνθρώπων, εὗτ' ἂν γεινόμενοι πολιοκρόταφοι  
τελέθωσιν. οὐδὲ πατὴρ παίδεσσι ὁμοίος  
οὐδέ τι παῖδες ὕδὲ ξεῖνος ξεινοδόκῳ καὶ  
ἐταῖρος ἐταίρῳ,  
οὐδὲ κασίγνητος φίλος ἔσσειται, ὡς τὸ πάρος  
περ. αἶψα δὲ γηράσκοντας ἀτιμήσουσι  
τοκῆας· μέμψονται δ' ἄρα τοὺς χαλεποῖς  
βάζοντες ἔπεσσι, σχέτλιοι, οὐδὲ θεῶν ὄπι  
εἰδότες· οὐδέ μὲν οἷ γε γηράντεσσι τοκεῦσιν  
ἀπὸ θρεπτήρια δοῖεν· χειροδίκαι· ἕτερος δ'  
ἑτέρου πόλιν ἐξαλαπάξει·

Mas Zeus destruirá essa raça de mortais, uando eles nascerem com as tēmporas esbranquiçadas.

Nem o pai será semelhante aos filhos, nem os filhos ao pai, nem o hóspede ao anfitrião, o companheiro ao companheiro, nem o amigo será caro ao amigo, como outrora.

Desonrarão os pais logo que estes envelhecerem; depois, com expressões rudes, censurá-los-ão, cruéis, ignorando a vingança dos deuses; não darão alimento a seus velhos pais.

(*Trabalhos e Dias*, vv. 180-9)

No entanto, Homero e Hesíodo não foram os únicos poetas a discorrer sobre os aspectos positivo e negativo da velhice, tendo em vista ser este tema um *topos* na poesia grega arcaica.

É importante destacar que, embora a tónica dos versos remanescentes do poeta elegíaco Tirteu, da segunda metade do VII século a.C., seja a guerra, constituindo-se a maior parte de sua produção poética no encorajamento dos cidadãos espartanos à luta contra os inimigos, também em seus versos se menciona a figura do velho, numa situação humilhante, como atesta o conhecido fragmento 10 W, cuja composição em anel ratifica a exortação à



coragem dos jovens para lutar e morrer pela pátria ao lado do guerreiro *palaióteros*, “mais velho”:

μηδὲ φιλοψυχεῖτ' ἀνδράσι μαρνάμενοι· τοὺς  
δὲ παλαιότερους, ὧν οὐκέτι γούνατ' ἐλαφρά,  
μὴ καταλείποντες φεύγετε, τοὺς γεραιούς.  
αἰσχρὸν γὰρ δὴ τοῦτο, μετὰ προμάχοισι  
πεσόντα κεῖσθαι πρόσθε νέων ἄνδρα  
παλαιότερον,

ἤδη λευκὸν ἔχοντα κάρη πολιόν τε γένειον,  
θυμὸν ἀποπνεύοντ' ἄλκιμον ἐν κονίηι,  
αἱματόεντ' αἰδοῖα φίλαις ἐν χερσίν ἔχοντα –  
αἰσχρὰ τὰ γ' ὀφθαλμοῖς καὶ νεμεσητὸν ἰδεῖν,  
καὶ χρῶα γυμνωθέντα· νέοισι δὲ πάντ'  
ἐπέοικεν, ὄφρ' ἐρατῆς ἥβης ἀγλαὸν ἄνθος  
ἔχηι.

Não ameis excessivamente a vida, ao combater com os homens; não fujais, abandonando os mais velhos, os anciãos, cujos joelhos não mais são ágeis.

Vergonhoso certamente é isso: caído nas primeiras filas, icar estendido, diante dos jovens, um homem mais velho, com a cabeça já branca e a barba grisalha, exalando no pó o espírito valente, com a sua genitália ensanguentada nas mãos - coisa vergonhosa para os olhos e indigna de se ver – e o corpo nu. Mas aos jovens tudo convém, enquanto permanece a formosa flor da amável juventude.

(vv. 18-28)

Na exortação à coragem dos homens mais jovens, digna de nota é a posição enfática dos termos *toùs palaiotérous*, “os mais velhos”, e *toùs geraíous*, “os anciãos”, de significado semelhante, no início do hexâmetro e no final do pentâmetro, respectivamente. Observa-se, então, nos versos tirteicos, uma censura à conduta dos *néoi*, “jovens”, que não deviam abandonar o velho nas primeiras fileiras hoplíticas, lugar que cabia aos mais jovens, haja vista a falta de vigor físico, bem assinalada pela oração *hôn oukéti gounat'elafrá*, “cujos joelhos não mais são ágeis” (v. 20), e os sinais implacáveis do tempo, evidenciados pelos termos *leukòn káre* e *poliòn te géneion*, “cabeça branca e barba grisalha” (v. 23).

Sendo, pois, a elegia grega arcaica herdeira, do ponto de vista formal, da poesia homérica, é expressiva a semelhança entre os versos de

Tirteu e os versos 74-6 do canto XXII da *Ilíada*, também referentes à vergonhosa morte de um *géron*, em que Príamo dirige veemente apelo a seu filho Heitor para desistir de lutar com o mais valoroso dos Aqueus:

ἀλλ' ὅτε δὴ πολιόν τε κάρη πολιόν τε γένειον  
αἰδῶ τ' αἰσχύνωσι κύνες κταμένοιοι  
γέροντος, τοῦτο δὴ οἴκτιστον πέλεται  
δειλοῖσι βροτοῖσιν.

Mas quando os cães desonram a cabeça e a barba grisalhas a vergonha de um velho morto, isso é a coisa mais deplorável para os infelizes mortais.

(*Il.* XXII, vv. 74-6)

Note-se que tanto os versos homéricos quanto os tirteicos evidenciam que, na época Arcaica da Grécia Antiga, os mais idosos, mesmo sábios e prudentes, qualidades que lhes outorgava respeito e autoridade, deviam ser protegidos como as mulheres e as crianças.

Ao estilo dos Poemas Homéricos, também o primeiro poeta de Atenas, Sólon, cuja *akmé* se situa no primeiro quartel do VI século a.C.<sup>[5]</sup>, privilegia em seus versos as mutações por que passa o homem, desde a infância até a velhice, considerada, nesse processo evolutivo da existência, um período em que o homem ainda tem condições de usufruir da sabedoria e do desenvolvimento intelectual adquirido pelo passar dos anos. Eis a mestria com que Sólon apresenta a velhice: *gerásko d' aieì pollà didaskómenos*, “envelheço, aprendendo sempre muitas coisas” (F 18 W). Em oposição a este verso, encontra-se o fragmento 27 W em que se expõem as diversas fases da vida, apresentada em dez períodos de 7 anos cada um. Nesse ciclo evolutivo, enfatizam-se, na nona etapa, a fragilidade e a degenerescência do homem, cujo raciocínio e eloquência se tornam débeis: ... *malakotéra d' autôu / pròs megálen aretèn glôssa te kaí*,

---

5 Segundo o verbete da *Suda*, Sólon alcançou a *akmé* na 47ª. Olimpíada, ocorrida por volta de 592-589 a.C. A julgar pelo que diz Aristóteles (*Constituição de Atenas*, 14,1), Sólon assumiu o arcontado em 592-591 a.C.

“... mais fracas, em relação à máxima excelência, são sua língua e sabedoria”. Ainda que nesses versos transpareçam os sinais da decrepitude, ratificada no verso 10 deste fragmento, em que ela é caracterizada como *kakòn gêras*, “maldita velhice”, e cotejada com a morte e as terríveis doenças (vv. 9-10), é importante ressaltar que, nos versos do poeta de Atenas, predomina o aspecto positivo da velhice.

Por outro lado, no controvertido poeta elegíaco da Grécia do período arcaico, Teógnis de Mégara, talvez do VI século a.C., cuja vida e extensa produção poética continuam a ser objeto de questionamentos vários por parte de especialistas em estudos helênicos, segue ele a tradição considerando as benesses e, sobretudo, as agruras da velhice. Aliás, não é de surpreender que, parecendo ser o *Corpus Theognideum* procedente de variadas mãos, se encontrem posicionamentos idênticos aos de outros poetas arcaicos no tratamento da velhice, qualificada nesta coletânea como *poliôn*, “encanecida” (v. 174), *oulómenon*, “funesta” (vv. 272, 527, 768, 1012), *oulómenon kai ámorphon*, “funesta e disforme” (v.1021), e *argaléon*, “terrível” (v. 1132), adjetivação que reitera o horror à idade avançada. A título de exemplo, citem-se os versos 271-8 dos *Theognidea*:

ἴσως τοι τὰ μὲν ἄλλα θεοὶ θνητοῖς ἀνθρώποις  
γῆρας τ’ οὐλόμενον καὶ νεότητ’ ἔδοσαν, ὦν  
πάντων δὲ κάκιστον ἐν ἀνθρώποις θανάτου  
τε καὶ πασέων νούσων ἐστὶ πονηρότατον

παῖδας ἐπεὶ θρέψαιο καὶ ἄρμενα πάντα  
παράσχοις, ρήματα δ’ ἐγκαταθήεις πόλλ’  
ἀνηρὰ παθῶν, τὸν πατέρ’ ἐχθαίρουσι,  
καταρῶνται δ’ ἀπολέσθαι καὶ στυγέουσ’  
ὥσπερ πτωχὸν ἐσερχόμενον.

Os deuses deram igualmente aos mortais, além de outras coisas, a velhice funesta e a juventude, s o pior de tudo entre os homens, e o mais penoso do que a morte e do que todas as doenças é isso: depois de teres criado teus filhos e tê-los provido do necessário, tendo experimentado muitas dificuldades, teres acumulado riquezas, os (filhos) odeiam o pai, desejam que ele pereça e o abominam, como um mendigo que bate à porta.

Enquanto nesses versos enfatiza-se, à semelhança de Hesíodo, o flagelo e a desonra que maculam o velho, em alguns outros dísticos desse *Corpus* (vv. 821-2, 933-8,) e nestes últimos transcritos (vv. 271-8), estão subentendidos, seguindo a esteira de Hesíodo e, ainda, de Tirteu (F 12 W), mormente os versos 31-44), a admiração e o respeito que devem ser tributados ao ancião, como comprovam outros dísticos do *Corpus Theognideum*:

Πάροις ἀνθρώπων ἀρετὴ καὶ κάλλος ὀπηδεῖ·  
ὄλβιος, ὃς τούτων ἀμφοτέρων ἔλαχεν.

πάντες μιν τιμῶσιν · ὁμῶς νέοι οἱ τε κατ’  
αὐτόν χώρης εἴκουσιν τοί τε παλαιότεροι.

γηράσκων δ’ ἄστοῖσι μεταπρέπει, οὐδέ τις  
αὐτόν βλάπτειν οὔτ’ αἰδοῦς οὔτε δίκης  
ἔθέλει.

Entre os homens a virtude e a beleza fazem companhia a poucos; feliz quem obteve uma e outra.

Honram-no todos: tanto os jovens, os de sua idade, e os mais velhos da terra lhe cedem o lugar.

Mas, ao envelhecer, distingue-se entre os cidadãos, e ninguém deseja privá-lo nem do respeito nem da justiça.

(*Corpus Theognideum*, vv. 933-8)

Cumpre lembrar que parte dos versos citados (935-8) é atribuída, segundo Estobeu (*apud* Edmonds, 1968, p. 339), ao poeta Tirteu, em cujo fragmento 12 W (vv. 37-40), ratifica-se a devoção ao velho, que, em sua juventude, lutara bravamente em defesa da pátria:

πάντες μιν τιμῶσιν, ὁμῶς νέοι ἠδὲ παλαιοί,  
πολλὰ δὲ τερπνὰ παθῶν ἔρχεται εἰς Ἄϊδην,  
γηράσκων δ’ ἄστοῖσι μεταπρέπει, οὐδέ τις  
αὐτόν

βλάπτειν οὔτ’ αἰδοῦς οὔτε δίκης ἔθέλει,

Honram-no todos, igualmente jovens e velhos, e, depois de gozar muitos prazeres, chega ao Hades.

Mas, ao envelhecer, distingue-se entre os cidadãos, e ninguém deseja privá-lo nem do respeito nem da justiça.

Assim, nos últimos dísticos teognídeos e tirteicos, o homem velho é digno de benemerência, seja por sua excelência e beleza, seja por sua excelência guerreira. Distinta, entretanto, é a tônica presente nos fragmentos 1 a 6, da edição de Adrados<sup>[6]</sup>, do elegíaco Mimnermo de Cólofon, da segunda metade do VII século a.C., cujos referidos fragmentos privilegiam como eixo temático a antinomia juventude/velhice. Os fragmentos 1, 2 e 5 Adr. apresentam a oposição juventude *versus* velhice e, por extensão, tingem-se, em alguns dísticos, de um matiz amoroso. Por outro lado, os fragmentos 3, 4 e 6 Adr. ressaltam as provações da velhice.

Na verdade, em todos esses fragmentos, o sujeito lírico revela-se angustiado diante da imutabilidade do destino humano: a transitoriedade da juventude que conduz à irremediável velhice. Nos fragmentos referidos do poeta de Cólofon, essa condição humana é reiterada, do ponto vista formal, por meio de recursos variados, entre os quais a já citada antítese juventude / velhice, como já observaram, acerca dos fragmentos 1 e 2 Adr., vários investigadores, nomeadamente van Groningen (1960, p. 124). Eis o fragmento 1 Adr. que, além da oposição citada, aparece revestido de belas metáforas, reiterações poéticas, paralelismos e assonâncias:

τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπνὸν ἄτερ χρυσῆς  
Ἀφροδίτης; τεθναίην, ὅτε μοι μηκέτι ταῦτα  
μέλοι, κρυπταδίη φιλότης καὶ μείλιχα δῶρα  
καὶ εὐνή, οἳ ἥβης ἄνθεα γίγνεται ἄρπαλέα  
ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν· ἐπεὶ δ' ὀδυνηρὸν  
ἐπέλθῃ ἦρας, ὅ τ' αἰσχρὸν ὁμῶς καὶ καλὸν

---

6 Os fragmentos 1 a 6 estão inseridos, segundo a edição de Adrados *Líricos griegos elegíacos Y iambógrafos*, 1990, p. 218-20), no livro de elegias intitulado *Nanno*, que foi assim designado – a julgar pelos versos do poeta elegíaco Hermesíanax, do século III a.C. - pelo fato de ser este o nome da flautista que acompanhava Mimnermo em sua *performance* e por quem era apaixonado. Assim atesta Hermesíanax, no fragmento 7, vv. 35-40 Powell (*apud Iambi et elegi Graeci*, 1992, p. 83):

Μίμνερμος δέ, τὸν ἠδὺν ὃς εὔρετο πολλὸν  
ἀνατλάς ἦχον καὶ μαλακοῦ πνεῦμα τὸ  
πενταμέτρου, καίετο μὲν Ναννοῦς πολιῶ δ' ἐπὶ  
πολλάκι λωτῶ κηρωθεὶς κώμους εἶχε σὺν Ἐξαμύῃ,  
ἦχθεε δ' Ἑρμόβιον τὸν αἰεὶ βαρὺν ἠδὲ φερεκλῆν  
ἐχθρόν, μισήσας οἳ ἀνέπεμψεν ἔπη.

Depois de ter muito sofrido, Mimnermo, que descobriu o doce som e o tom do suave pentâmetro, incendiou-se de amor por Nanno e, muitas vezes amordaçado pelo brilhante loto, divertia-se com Examyes, mas odiava Hermóbio, sempre insuportável, e o odioso Férecles, já que (Mimnermo) detestava os versos que ele compusera.

ἄνδρα τιθεῖ, ἰεὶ μιν φρένας ἀμφὶ κακαὶ  
τεῖρουσι μέριμναι, οὐδ' αὐγὰς προσορῶν  
τέρπεται ἠελίου, ἀλλ' ἐχθρὸς μὲν παισίν,  
ἀτίμαστος δὲ γυναιξίν· οὕτως ἀργαλέον  
γῆρας ἔθηκε θεός.

Que vida, que prazer sem a áurea Afrodite?

Que eu morra, quando não mais me interessarem estas coisas: um amor secreto, doces dons e um leite, que são as amáveis flores da juventude para homens e mulheres.

Mas quando chega a dolorosa velhice, que torna feio igualmente o homem belo, sempre maus pensamentos consomem sua mente.

E ele não sente prazer ao olhar os raios do Sol.

É odiado pelos filhos e desprezado pelas mulheres.

Tão penosa fez um deus a velhice.

Na análise do fragmento 1Adr., van Groningen (1960, p.124-5), considerando “simples” sua estrutura, divide-o em duas partes: a primeira, entre os versos 1-5a, tem como *leitmotiv* os prazeres da juventude; a segunda, entre os versos 5b-9, os dissabores da velhice, e , por fim, o verso 10 que sintetiza a segunda parte, muito embora não constitua, como assinala o estudioso, um epílogo, já que não se retoma a dicotomia juventude/velhice, ao contrário, conclui-se o poema com a simples referência ao tema da segunda parte, num tom semelhante a uma sentença. Além do *topos* antitético juventude/velhice, acrescentam-se dois novos elementos, o desejo da morte (v. 2), em vez da senectude, e a atribuição do *gêras* a uma divindade (v. 10).

Associam-se às palavras-chave do poema - *hébes*, na primeira parte, e *gêras*, na segunda outros conceitos. Assim, com a juventude (vv. 1-5) estão relacionados signos que remetem sobretudo ao amor e à beleza, quais sejam: a deusa Afrodite (*Aphrodítes*, v. 1), que simboliza a eterna busca de satisfação e prazer, o amor secreto (*kryptadíes philótes*, v. 3)<sup>[7]</sup> – e com este, por sua vez, o prazer (*terpnón*, v.1), a

---

7 Fórmula homérica, cf. *Ilíada* VI, vv. 160-1: *Tôi dè gynè Proítou epeménato, d'Ánteia, kryptadíe philótes migémenai*, “a mulher de Proito, a divina Anteia, concebeu um desejo louco / de unir-se a ele em amor secreto”.

doçura (*meílikha*, v.3) e a própria vida (*bíos*, v. 1) - o leite (*euné*, v. 3) e a luminosidade, representada pelo epíteto homérico da deusa Afrodite (*khrysês*, “áurea”, v. 1)<sup>[8]</sup>, termos que sumarizam todos os aspectos das amáveis flores da juventude (*hébes ánthea gígnetai harpaléa*, v. 4).

Distinta é a tônica da segunda parte da elegia, a velhice, um mal abominável que provoca dores várias, materializadas no físico, no moral e no psíquico do homem: no físico, por ser ela responsável pela aparência feia e disforme do homem, marcada neste fragmento pelo adjetivo *aiskhrón*, “feio”, (v. 6) e no fragmento 5Adr.<sup>[9]</sup> pelos qualificativos *ámorphon* (v. 2), “disforme”, e *ágnoston* (v. 4), “irreconhecível”, referentes, respectivamente, à senilidade e ao homem: Passemos à leitura do fragmento 5:

ἀλλ’ ὀλιγοχρόνιον γίγνεται ὡσπερ ὄναρ

ἦβη τιμήεσσα· τὸ δ’ ἀργαλέον καὶ ἄμορφον

γῆρας ὑπὲρ κεφαλῆς αὐτίχ’ ὑπερκρέμαται,  
ἐχθρὸν ὁμῶς καὶ ἄτιμον, ὃ τ’ ἄγνωστον τιθεῖ  
ἄνδρα, βλάπτει δ’ ὀφθαλμοὺς καὶ νόον  
ἀμφιχυθέν.

---

8 Homero já designa Afrodite pelo epíteto *khrysês*. Cf., por exemplo, em *Iliada* III, v. 64, na passagem em que Páris, respondendo à censura que lhe fizera Heitor, por estar afastado da guerra, desfruta dos amáveis dons da “áurea Afrodite”: *mé moi dôra eratà próphere khrysês Aphrodítes*, “Não me reproves os amáveis dons da áurea Afrodite”.

9 Adrados segue a lição do antologista Estobeu (séc. VI), segundo o qual o fragmento 5 contém apenas 5 versos da lavra de Mimnermo. Por outro lado, West, em sua edição crítica *Iambi et elegiGraeci* 1992, p. 86, considera ter o referido fragmento 8 versos, dos quais os 6 primeiros estão inseridos no *Corpus Theognideum* (vv. 1017-22):

Αὐτίκα μοι κατὰ μὲν χροίην ῥέει ἄσπετος ἰδρώς,  
πτοιῶμαι δ’ ἔσορῶν ἄνθος ὀμηλικῆς τερπνὸν  
ὁμῶς καὶ καλὸν· ἐπὶ πλέον ὠφελεν εἶναι·

ἀλλ’ ὀλιγοχρόνιον γίγνεται ὡσπερ ὄναρ ἦβη  
τιμήεσσα· τὸ δ’ οὐλόμενον καὶ ἄμορφον αὐτίχ’  
ὑπὲρ κεφαλῆς γῆρας ὑπερκρέμαται,

De repente em minha pele corre um imenso suor, estou tomado pela paixão ao ver a flor da juventude igualmente agradável e bela; prouvera aos deuses que ela fosse mais longa! Mas passageira como um sonho é a preciosa juventude. A penosa e disforme velhice logo pende sobre a cabeça, igualm e, ao envolvê-lo, debilita-lhes os olhos e o espírito.

mas passageira como um sonho é a preciosa juventude. A penosa e disforme velhice logo pende sobre a cabeça, igualmente odiosa e desprezível, que torna irreconhecível o homem, e, ao envolvê-lo, debilita-lhe os olhos e o espírito.

(F 5 Adr.)

A decadência física, porém, não se restringe à aparência, mas reflete-se também no mau funcionamento do corpo, como comprova o verso 5 do fragmento 5. Além da fragilidade física, surgem, na velhice, problemas de cunho moral, por ser ela uma fase em que o ancião é destituído, à maneira hesiódica<sup>[10]</sup>, de honra e respeito, tornando-se objeto de desprezo da própria família, como se infere também do verso 9 do fragmento 1: “É odiado pelos filhos e desprezado pelas mulheres”, ideia que se repete no fragmento 3Adr:

τὸ πρὶν ἔων κάλλιστος, ἐπὴν παραμείψεται  
ῶρη, οὐδὲ πατὴρ παισὶν τίμιος οὔτε φίλος.

Quando passa a juventude, o pai, outrora muito belo, não é honrado nem amado pelos filhos.

A par da degradação física e moral, há também na velhice a degenerescência psíquica, que desencadeia a privação do afeto e o declínio das faculdades intelectuais. Atestam-no o último verso do fragmento 5 e os versos 7 e 8 do fragmento 1 que revelam o desencanto pela vida com a chegada da umbrosa velhice: “sempre maus pensamentos consomem sua mente. / E não sente prazer ao olhar os raios do Sol”. Note-se, ainda, na segunda parte do fragmento 1, que a negatividade da idade avançada confirma-se por uma intensa adjetivação referente à velhice ou ao homem velho: *odynerón* (v. 5), dolorosa, *kakà...mérimnai* (v. 7), “maus pensamentos”, *aiskhrón* (v. 6), “ feio”, *ekhthrós* e *atímastos* (v. 9), “ odiado e desprezado”.

A semelhança estrutural entre os fragmentos 1 e 5Adr. é evidente, não só pelo acúmulo de epítetos, mas também pela repetição de ideias e grupo de palavras, apresentadas em ordem inversa, como atestam os versos seguintes:

---

10 Cf. *supra*, p. 5.



## FRAGMENTO 1

...hó t' aiskhrón...ándra titheî ( v. 6)

...ekhthrós mèn...atímastos dè...(v. 9)

...argaléon... gêras...(v. 10)

## FRAGMENTO 5

...hó t' ágnoston titheî ándra (v. 4b)

... ekhthròs ...kai...atímon (v. 4a)

... argaléon ...gêras (vv. 2-3)

Uma acentuada simetria pode ser observada, ainda, entre os fragmentos 1 e 2 Adr., a despeito de apresentar este último uma variação estrutural, segundo análise feita a seguir:

ἡμεῖς δ', οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθενος ὦρη  
 ἕαρος, ὅτ' αἴψ' αὐγῆισ' αὔξεται ἠελίου, τοῖσ'  
 ἴκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἥβης  
 τερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸν  
 οὔτ' ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασι  
 μέλαινοι, ἢ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος  
 ἀργαλέου ἢ δ' ἑτέρη θανάτοιο· μίνυνθα δὲ  
 γίγνεται ἥβης καρπός, ὅσον τ' ἐπὶ γῆς  
 κίδναται ἠέλιος.

αὐτὰρ ἐπὴν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται  
 ὦρης, αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίωτος·

πολλὰ γὰρ ἐν θυμῷ κακὰ γίγνεται· ἄλλοτε  
 οἶκος τρυχοῦται, πενίης δ' ἔργ' ὀδυνηρὰ  
 πέλει·

ἄλλος δ' αὖ παίδων ἐπιδύεται, ὧν τε  
 μάλιστα ἱμεύρων κατὰ γῆς ἔρχεται εἰς Αἴδη·

ἄλλος νοῦσον ἔχει θυμοφθόρον· οὐδέ τις  
 ἔστιν ἀνθρώπων ὧι Ζεὺς μὴ κακὰ πολλὰ  
 διδώι.

Como a estação florida da primavera faz nascer as folhas quando crescem, rápido, sob os raios do Sol, nós, semelhantes a elas, por pouco tempo, com as flores da juventude alegriamo-nos, sem conhecer o mal ou bem, vindo dos deuses.

Ao lado estão as negras *Kêres*, uma portadora da dolorosa velhice, a outra, da morte. Pouco tempo dura o fruto da juventude, anto quanto sobre a terra o Sol derrama sua luz.

E depois, logo que chega esse fim da estação, melhor é morrer logo do que viver, pois muitos males surgem no coração: ora uma casa é arruinada, e aparecem os efeitos dolorosos da pobreza; um não tem filhos, e, por muitíssimo desejá-los, desce ao Hades, debaixo da

terra; outro tem doença que lhe destrói a vida; não há homem a quem Zeus não dê muitos males.

Seguindo a análise estrutural proposta por van Groningen (1960, p. 124), o fragmento 2 Adr., que constitui uma variação do tema homérico sobre o símile das folhas das árvores,<sup>[11]</sup> também apresenta duas partes, compreendidas, respectivamente, entre os versos 1-7 a e 7b-16. Acrescenta o estudioso que essas duas partes da elegia não constituem, como se verificou no fragmento 1, “desenvolvimentos opostos”, porque neste último se destaca, em primeiro lugar, a fase positiva da vida, a juventude, seguida da fase negativa, a velhice, sendo finalizado com um verso sentencioso sobre a segunda parte do poema. Assim, para van Groningen, a elegia estrutura-se da maneira

---

11 Cf. *supra*, p. 1 e *Iliada* VI, vv. 145-9. Este símile traz à lembrança o fragmento 8 W imputado a Simônides de Amorgos, em cujos versos a voz do poema diz ser a juventude uma fase de ilusões e de vãs esperanças. Contudo, o eu lírico não restringe a brevidade apenas à fase áurea da vida, mas a estende à vida em sua totalidade. A autoria desta elegia foi contestada por vários estudiosos – entre os quais Martin West – que, seguindo a lição de Estobeu 4, 34, 28, a consideraram da lavra de Simônides de Ceos (*apud* Pereira, 1961, p. 99).

ἐν δὲ τὸ κάλλιστον Χίος ἔειπεν ἀνὴρ·  
'οἴη περ φύλλων γενεή, τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν.' παῦροι μὴν  
θνητῶν οὔασι δεξάμενοι στέρνοισ' ἐγκατέθεντο·  
πάρεστι γὰρ ἐλπίς ἐκάστωι ἀνδρῶν, ἢ τε νέων στήθεσιν  
ἐμφύεται. θνητῶν δ' ὄφρα τις ἄνθος ἔχηι πολυήρατον  
ἤβης, κοῦφον ἔχων θυμὸν πόλλ' ἀτέλεστα νοεῖ· οὔτε  
γὰρ ἐλπίδ' ἔχει γηρασέμεν οὔτε θανεῖσθαι οὐδ', ὕγιής  
ὅταν ἦι, φροντίδ' ἔχει καμάτου.  
νήπιοι, οἷς ταύτηι κεῖται νόος, οὐ δὲ ἴσασιν, ὡς χρόνος  
ἔσθ' ἤβης καὶ βιότοι' ὀλίγος θνητοῖσ'· ἀλλὰ σὺ ταῦτα  
μαθῶν βιότου ποτὶ τέρμα ψυχῆι τῶν ἀγαθῶν τλήθι  
χαριζόμενος.

A mais bela coisa disse o homem de Quios: ‘tal a geração das folhas, tal a dos homens.’ Poucos, na verdade, entre os mortais, depois de ouvi-lo, guardam-no em seu íntimo, pois para cada um dos homens está presente a esperança, que se prende no peito dos jovens. Enquanto um mortal conserva a amável flor da juventude, com o coração livre, pensa muitas coisas irrealizáveis: de fato, não espera envelhecer nem morrer, nem, enquanto tem saúde, tem preocupação com a doença. Ingênuos cujo espírito assim se encontra, pois não sabem como o tempo da juventude e da vida é curto para os mortais. Mas tu, tendo aprendido essas coisas, ousa conceder à tua alma coisas prazerosas até o fim da vida.

seguinte: na primeira parte (vv. 1-7a), opõem-se as benesses efêmeras da juventude às inquietações que atormentam o coração do velho, muito embora se enfatize mais a juventude, com poucas referências à velhice. Nesta primeira parte, o estudioso considera os versos 4b -5a (“desconhecendo o mal e o bem”) como versos de transição, porque neles transparece a indiferença dos jovens com a fugacidade da juventude, a despeito da “ameaça da morte”.

Note-se que nos versos 5 a 7a, a senectude e a morte, simbolizadas como as *Kêres*<sup>[12]</sup> tenebrosas (*Kêres ... mélainai*, v. 5) – divindades funestas que representam a perdição dos homens - são dois males equivalentes, pois vindo a velhice acompanhada de inúmeros flagelos, como a pobreza, a carência de filhos e as doenças incuráveis (vv. 11-5 do fragmento em pauta), “melhor é morrer logo do que viver” (v. 10), verso que dialoga com o verso 2 do fragmento 1 Adr. “Que eu morra, quando não mais me interessarem estas coisas”, o qual evidencia não ser possível conciliar os prazeres do amor com a velhice, sendo, pois, preferível morrer. A representação da morte encontra-se também nos fragmentos 4 e 6 Adr.:

Τιθωνῶι μὲν ἔδωκεν ἔχειν κακὸν ἄφθιτον  
Ζεὺς γῆρας, ὃ καὶ θανάτου ῥίγιον ἀργαλέου.

A Titão concedeu Zeus um mal eterno, a velhice, que é mais terrível que a morte dolorosa.

(F 4 Adr.)

---

12 As *moîras* ou *Kêres* eram três nas epopeias homéricas – Átropo, Cloto e Láquesis. Elas eram responsáveis pela vida humana e a regulavam com a ajuda de um fio que a primeira fiava, a segunda enrolava e a terceira cortava quando a vida do mortal acabava. Nem mesmo os outros deuses podiam interferir nas decisões delas. Note-se que também nos dísticos 765-8 dos *Theognidea* há duas *Kêres* intimamente associadas: a velhice funesta e o termo da morte:

Ἐ preferível sermos assim, com o coração sensato vivermos  
alegremente, regozijando-nos longe de preocupações;  
afastarmos para longe as funestas *Kêres*, a velhice funesta e o  
termo da morte.

ὦδ' εἴη κεν ἄμεινον ὁμόφρονα θυμὸν ἔχοντας νόσφι  
μεριμνάων εὐφροσύνως διάγειν τερπομένους, τηλοῦ  
δὲ κακὰς ἀπὸ κῆρας ἀμῦναι, γῆρας τ' οὐλόμενον  
καὶ θανάτοιο τέλος.

αἶ γὰρ ἄτερ νόσων τε καὶ ἀργαλέων  
μελεδῶνων ἔξηκονταέτη μοῖρα κίχαι  
θανάτου.

Tomara que sem doenças e dolorosas inquietações a  
*moira* da morte chegue aos sessenta anos.

(F 6 Adr.)

No fragmento 4, composto de apenas um dístico, convergem três pensamentos basilares da concepção do poeta de Cólofon acerca da ancianidade: o deus concede o mal inevitável, e este mal é a velhice, pior do que a própria morte. É importante ressaltar que também nos fragmentos 1 e 2 Adr. é a dolorosa velhice um fardo outorgado por uma divindade, nomeada ou não, ou pela *moira*, força inexorável que delimita os poderes dos homens e, até mesmo, dos deuses.

Ainda no fragmento 4, como ilustração do tema da velhice funesta e odiosa, é digna de nota a evocação ao mito de Titão, amado e raptado pela deusa Aurora, que solicita a Zeus conceder para o objeto de seu amor a vida eterna, embora se tenha esquecido de pedir também a juventude eterna. Ao envelhecer e não mais corresponder às expectativas amorosas da deusa, Titão é inicialmente desprezado e encerrado numa cesta de vime e, por fim, metamorfoseado em cigarra.

Vale lembrar que esse mito é narrado na íntegra no *Hino Homérico a Afrodite* (vv. 218-46), no qual se observam, em menos de trinta versos, um número considerável de epítetos negativos referentes à velhice e a atribuição desta fase penosa da vida aos deuses. No hino, a aversão à velhice é sublinhada com uma significativa adjetivação: *oloión*, “dolorosa” (v. 224), *stygerón*, “odiosa” (v. 233), *homoíion*, “que não poupa ninguém”, donde “igual para todos” (v. 244), *neleiés*, “implacável” (v. 245), *ouloménon*, “funesta” e *kamaterón*, “fatigante” (v. 246).

Sendo, então, a velhice, nos versos de Mimnermo, representada como uma fase propensa à aquisição de males de natureza física, moral, amorosa, psíquica e social, é preferível, conforme se lê no fragmento

6 Adr., morrer aos sessenta anos, antes de experimentar-se esse flagelo. A morte representa, pois, a libertação da desditosa velhice.

A dar-se crédito a Diógenes Laércio (*apud* PEREIRA, 1961, p. 103), o fragmento 20 W atribuído ao poeta ateniense Sólon, parece conter a resposta aos versos de Mimnermo, já que nele se determinam os oitenta anos como limite ideal para a existência humana, tendo em vista considerar-se a velhice uma etapa produtiva da vida:

ἀλλ' εἴ μοι κἄν νῦν ἔτι πείσεται, ἔξελε τοῦτο,  
μηδὲ μέγαίρ', ὅτι σέο λῶιον ἔπεφρασάμην,  
καὶ μεταποίησον Λιγιστάδη, ὧδε δ' ἄειδε·  
'ὄγδωκονταέτη μοῖρα κίχιοι θανάτου'.

Mas, se ainda agora também me ouves, abandona este pensamento e não me guardes rancor porque falei melhor do que tu; modifica-o, Ligyastades, e canta assim: “que a *moîra* da morte chegue aos oitenta anos”.

(F 20 W)

A preocupação com os males oriundos da velhice é mais expressiva na segunda parte do fragmento 2 Adr. (7b-16) por conter as consequências malévolas desse período da vida. Deste modo, nessa parte da elegia, predomina a tríade juventude (vv. 7b- 9), morte (v. 10) e velhice (vv. 11-6), enquanto, na primeira parte, alternam-se os temas juventude (vv.1-3), velhice (v. 6) e morte (v.7 a).

De acordo com van Groningen (1960, p. 124), constituem os versos 9 e 10 uma passagem de transição porque se passa do fim da juventude diretamente para a morte, sem que o homem sofra os tormentos e as angústias decorrentes do envelhecimento, enfatizadas, na segunda parte da elegia, pela repetição do sintagma *pollà kaká*, “muitos males”, no início do verso 11, e *kaká pollá*, “muitos males”, no final do verso 16, que resume os prejuízos provocados pela volve dos anos.

Com base nos seis fragmentos do poeta elegíaco Mimnermo, observa-se que várias antíteses são elaboradas para enfatizar a dicotomia brevidade da juventude *versus* agruras da velhice: a vida (*bíos*)

contrapõe-se à morte, ao prazer, próprio da juventude, opõem-se as mazelas da velhice, aos doces dons contrastam os maus pensamentos, à beleza é contrária à feiúra, e a luminosidade, à escuridão.

Infere-se da análise dos fragmentos 1 a 6 Adr. que a ideia norteadora do poeta de Cólofon a respeito da velhice está sintetizada nos versos 2 e 3 do fragmento 1 “Que eu morra, quando não mais me interessarem estas coisas/ um amor secreto, doces dons e um leite”.

Outros poetas da Grécia Arcaica, os denominados líricos pelos gramáticos alexandrinos, também expressaram em seus versos ora os dissabores, ora as dádivas da velhice. Na verdade, os líricos discorreram sobre os mesmos temas dos elegíacos, pois a diferença entre as duas modalidades poéticas, a elegíaca e a lírica, é muito mais formal do que temática, razão por que é a elegia, segundo Martin West (1974, p. 18), uma variedade da poesia mélica.

## Referências Bibliográficas

Adler, Ad. (Ed.), *Suidae Lexicon*, Stuttgart, Teubner, 1971.

Aguilar, Rosa M., *La vivencia del tempo en la Grecia antigua*, Disponível em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/fel/11319070/articulos/CFCG9292110123A.PDF>

Allen, T. W. *et alii* (Eds.), *The Homeric Hymns*. Amsterdam, Adolf M. Hakkert, 1980 [1936].

Aristote, *Constitution d'Athènes*. Texte établi et traduit par Mathieu G. et Haussoullier B., 8. tir. Paris, Les Belles Lettres, 1972.

Bowra, C. M., *La lirica greca - Da Alcmane a Simonide*. Tradução de Lanata Giuliana. Firenze, La Nuova Italia, 1973.

Campbel, David, *The golden lyre. The themes of the Greek lyric poets*, London, Gerald Duckworth & Co. Ltd, 1983.

Campbell, David A. (Ed.), *Greek Lyric Poetry. A selection of early Greek lyric, elegiac and iambic poetry*, Great Britain, Bristol Classical Press, 1982.

Chantraine P., *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, Paris, Klincksieck, 1983. 2v.

Fränkel, H., *Early Greek Poetry and Philosophy*. Translated by Hadas Mases and Willis James, Great Britain, Alden Press, 1975.

Hesiod, *Works and Days*. Edited with Prolegomena and Commentary by West M. L. 3th. edition. Oxford, Oxford Clarendon Press, 1982.

Hésiode. *Théogonie - Les travaux et les jours - Le bouclier*. Texte établi et traduit par Mazon Paul, Paris, Les Belles Lettres, 1928.

Homère. *Illiade*, Texte établi et traduit par Mazon Paul. 4<sup>ème</sup> éd. Paris, Les Belles Letters, 1957 (4 v.).

*L' Odyssée*. Texte établi et traduit par Victor Bérard, 2<sup>ème</sup> éd. Paris, Les Belles Letters, 1933 (3v.).

*Iambi et elegi graeci ante Alexandrum cantati*. Edidit West M. L., 2nd. Edition.